



# A MEMÓRIA DO FIO: A FABRICAÇÃO DE ESQUECIMENTO E MEMÓRIA EM MUSEU DE TUDO, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

*André França Rocha Borba*

*Orientadora: Flavia Vieira da Silva do Amparo*

## *Mestrando*

RESUMO: Na segunda metade do século XX, viu-se emergir um interesse pelo tema da memória (HUYSSSEN, 2000). Seja na África do Sul pós-Apartheid, nos países do leste europeu que viveram sob o regime stalinista ou mesmo na América Latina por meio dos movimentos de familiares de desaparecidos políticos, essa temática irrompe nesse período em diversos contextos sociopolíticos. A partir desse cenário, o presente trabalho tem o objetivo de pensar a memória em sua interface com a literatura. Para tanto, o objeto de análise é a obra *Museu de Tudo* (1975) de João Cabral de Melo Neto, autor considerado pela crítica canônica como racional, formalista, cerebral. Esse livro reúne uma ampla variedade temática e aborda assuntos como futebol, cidades, artistas plásticos... O objetivo não é cair em biografismos, algo comum quando se pensa a memória. O interesse é a reflexão sobre esse tema como uma força que se coloca na escritura entre poesia e vida. Também pretendemos pensar no problema da memória/esquecimento em nossa cultura contemporânea, uma vez que é só a partir de hoje, do que se desperta para o problema da memória, que é possível ir à obra cabralina com novo fôlego, promovendo uma leitura diferenciada e que foge ao cânone das pesquisas sobre o poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, literatura brasileira, João Cabral de Melo Neto, memória

Não constitui grande polêmica afirmar que João Cabral de Melo Neto figura na lista dos grandes poetas brasileiros do século XX. Ao pensar sobre o cânone da literatura do país, lá está Cabral. Até mesmo por isso, muito já se disse e pesquisou sobre o pernambucano desde a sua estreia na seara literária. Há, ainda, o que se falar sobre a poesia cabralina?

O principal recorte deste trabalho – a memória – também constitui um enfoque recorrente nas análises da construção poética de Cabral. Por isso, de maneira ou de outra, este trabalho se entretete a partir de fios de outrora e de ditos que se resgatam hoje. E é justamente esse *hoje* que possibilita uma revisita a João Cabral. Trata-se de uma investigação a partir do



novo fôlego proporcionado pela contemporaneidade e pelo problema da memória na nossa cultura.

Durante muito tempo, João Cabral de Melo Neto contribuiu para a consolidação da imagem de si como um engenheiro de versos. Além de poeta, o autor se portava como teórico de sua própria arte. Em entrevistas e depoimentos diversos, o pernambucano costumava reiterar as ideias de lucidez e racionalidade como importantes para o seu método de composição literária. Essas concepções reverberaram nas pesquisas que se estabeleciam sobre a poesia cabralina.

Sob essa perspectiva, os poemas de Cabral seriam fruto do trabalho direto com o objeto e não da inspiração ou pura imersão em emoções íntimas. Como aponta Nunes (1975, p. 17), o problema da escrita e aspectos da visualidade ganhariam, então, grau privilegiado de reflexão poética em detrimento da musicalidade e expressões sentimentais, por exemplo. Trata-se de um racionalista total.

Essa imagem é reforçada por Lêdo Ivo (2009, p. 15), também poeta e ensaísta, que chama a atenção para essas características cabralinas. Para o escritor alagoano, Cabral se empenhava em reverberar uma realidade desprovida de dimensão sublime: ele escrevia poemas sobre sopa de macarrão, aspirinas, galinhas. Havia um enfoque em produzir uma literatura que não se perdia em seu aspecto encantatório.

Aos poetas que voam, e são os condores e águias românticos, planando airoso e desembaraçadamente nos céus mais altos, ou aos que nadam, como os harmoniosos cisnes simbolistas ou parnasianos, João Cabral preferia confessadamente os poetas que são como as galinhas, e que não saem do chão cotidianamente pisado e bicado – e se inclui nessa espécie rasteira. (IVO, 2009, p. 15)

Há quase duas décadas vêm se consolidando novas leituras de Cabral. Vale citar como exemplo as pesquisas da professora Cristina Henrique da Costa (2014), que indicam como pontos cruciais na obra cabralina outros fatores que não a racionalidade, como a imaginação, por exemplo. Ao analisar o poema “Uma fala só lâmina”, ela investiga a configuração da dor no poema, fugindo de uma leitura que se funda nos “símbolos que a tradição crítica cristalizou em conceitos da secura, da limpidez, do mineral” (Costa, 2014, p. 421).

### **Museu de fragmentos**

Anais do IX Sappil – Estudos de Literatura, UFF, nº 1, 2018.



Lançado em 1975, *Museu de Tudo* tem um lugar significativo na vasta obra de João Cabral. O livro possui uma lógica interna diferente e que nada remete a uma prática calculada de composição. Diferente de *A educação pela pedra*, que foi matematicamente pensado, a obra aqui analisada reúne poemas que foram descartados dos trabalhos anteriores. Como caracteriza o próprio autor no poema de abertura, “como museu, tanto pode ser/ caixão de lixo ou arquivo” (MELO NETO, 2009, p. 25).

Além disso, o título traz consigo uma contradição logo no nome. Como aborda Secchin (2014), “é museu, com toda a implicação de hierarquia e seletividade que o substantivo contém; mas é de tudo, e o pronome indefinido desautoriza os recortes, a setorização” (SECCHIN, 2014, p. 266). Logo no título, há uma ideia de irrealização, de algo que não se pode concretizar. Essa ideia acarretada pelo pronome indefinido tem correspondência na variedade temática que o livro traz. Dentre os assuntos, há uma repetição de poemas que delinea a marca da memória e reflexões sobre o tempo. Esses temas, como ressalta o professor Éverton Correia, passam a configurar constantemente na produção poética cabralina principalmente a partir dos anos 1970 (CORREIA, 2010, p. 119).

Marta de Senna (1980) defende que as temáticas relativas ao tempo são ostensivas em *Museu de Tudo*. Tempo e memória atravessam todo o livro e podem ser percebidos até mesmo a partir do título, uma vez que “é inegável que a ideia de temporalidade está presente, na medida em que o museu é o lugar onde produções valiosas são preservadas da ação destruidora do tempo (SENNA, 1980, 188).

O poema “Num bar da Calle Sierpes, Sevilha” oferece uma oportunidade de investigação sobre a configuração da memória na escrita cabralina e, também, sobre o aparecimento de uma subjetividade enquanto mecanismo discursivo. Em uma análise primeira, podemos inferir que o texto poético resgata uma lembrança. Há a evocação de um sujeito que rememora um momento vivido em um bar de uma rua movimentada na Espanha. Como é possível observar:

**Num bar da Calle Sierpes, Sevilha**

Vendo tanto passar  
só não assisto o tempo.  
No corredor tortuoso  
da rua é menos denso.

Quanto mais faz passar  
em todos os sentidos,  
o tempo ou se distrai

ou se apaga, dormido.

Depois de não sei quanto  
demorar-me em seu vácuo,  
parece que o relógio  
correu adiantado.

Porém que ele está certo  
logo depois descubro:  
o tempo o fez andar,  
como fez andar tudo.

Não posso é me lembrar  
em que foi consumido,  
se nada em mim dormiu  
e tanto passou, vivo.

É que a unificação  
de todos os sentidos,  
como o disco de Newton,  
dá um branco de olvido?

Seja o que for, o tempo  
aqui não é sentido:  
nem há como captá-lo,  
múltiplo que é e tão rico.

Dá-se a tantos sentidos  
que nenhum o apanha,  
na vária Calle Sierpes  
de Sevilha da Espanha. (MELO NETO, 2009, p. 30)

Diferente do engenheiro cartesiano e absoluto, o eu poético tecido no poema se configura a partir de incertezas, como podemos averiguar a partir dos versos “não sei quanto demorar-me em seu vácuo” e “Não posso é me lembrar/ em que foi consumido/ se nada em mim dormiu/ e tanto passou, vivo” (ibid.). Há, aqui, uma construção poética que não se baseia em ideais de plenitude.

Além disso, percebe-se que o tempo “menos denso”, talvez mais diluído, mais ralo, atravessa a subjetividade projetada no poema. O tempo, como admite o eu poético, tem dimensões incapturáveis. Há a confirmação de incertezas perante essa categoria por meio de um sujeito que se tece a partir do devir do fluxo de temporalidades.

O sociólogo alemão Norbert Elias (1998) construiu uma série de reflexões sobre o tempo e memória. De acordo com ele, a nossa percepção temporal foi sendo sedimentada ao longo da história da humanidade. Tal proposição vai de encontro a ideias naturalizantes sobre

o tempo, que vigorou no mundo ocidental por muitos anos e teve como expoentes Kant e Descartes. Elias move essas reflexões do campo natural para o da aprendizagem e experiência.

O sociólogo acrescenta, ainda, que a ideia de passagem do tempo constante e irreversível foi desenvolvida a partir de interesses sociopolíticos e relações de poder. Para ele, tal concepção era interessante às instituições que se mantinham no *status quo*: “O surgimento de unidades estatais relativamente estáveis a longo prazo foi uma condição necessária para que o tempo pudesse ser experimentado sob a forma de um fluxo contínuo” (ELIAS, 1998, p. 48). No poema, a subjetividade projetada ressalta a ideia de multiplicidade do tempo. Emerge, assim, um entendimento outro que não se configura a partir de noções unidirecionais e lineares sobre o tempo e a memória.

Em “Anúncio para cosmético”, João Cabral configura uma relação entre tempo, memória e esquecimento. Assim como no poema anterior, há uma angústia expressa perante a força do tempo e a incapacidade do homem de resistir a ela.

**Anúncio para cosmético**

O homem tudo o que pode  
É fechar-se ao espaço  
redondo que o envolve;  
jogar fora o espaço,  
o fora, ele sim pode,  
assim numa cartuxa  
que do ao redor o isole.  
Mas o tempo é de dentro;  
dentro ele faz-se, escorre,  
e esse escorrer interno  
não há nada que o corte.  
Às vezes o "....."  
por certo tempo o encobre:  
não o tempo ele próprio,  
sim o corpo que ele morde,  
já que o expressar do tempo  
é roer o que percorre. (MELO NETO, 2009, p, 127)

Como salienta o eu poético, “o homem tudo o que pode/ é fechar-se ao espaço/ redondo que o envolve;/ jogar fora o espaço/ o fora, ele sim pode,/ assim numa Cartuxa/ que do ao redor o isole” (MELO NETO, 2009, p, 127). Aqui, há uma relação nítida de poder sobre o espaço. Em relação a ele, é possível ter todo o controle.

Já em relação ao tempo, tudo muda. “Mas o tempo é de dentro;/ dentro ele faz-se, escorre,/ e esse escorrer interno/ não há nada que o corte” (ibid.). Novamente, pode-se

compreender que o eu poético admite que não dá para barrar o fluxo do tempo. Mas, se antes, a relação era de atravessamentos, aqui, o tempo corre por *dentro*. No final do poema, fica estabelecida uma conexão entre o passar do tempo e esquecimento. Inevitável, o devir do fluxo temporal promove esquecimentos. Já que está dada a impossibilidade de se guardar tudo, sejam pessoas ou museus. É o que se pode inferir nos versos “já que o expressar do tempo/ é roer o que percorre” (ibid.).

As reflexões sobre o tempo são permeadas pela configuração de uma memória não só como tema que surge no livro, mas como uma força norteadora que se constitui na escrita. É precisamente no século XX que a memória emerge como uma preocupação cultural e política (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Essa nova configuração ganha ainda mais abrangência com o desenvolvimento das tecnologias que possibilitou com que a cultura da memória deixasse de ser algo restrito a historiadores ou administradores de arquivos e museus.

Para Ana Paula Goulart Ribeiro (2013), vivemos imersos numa cultura de memória. O esquecimento, para a autora, é um terror. Lembrar, nessa perspectiva se torna como uma obrigação para os sujeitos:

Somos colocados constantemente diante do imperativo da memória, que nos ordena a lembrar, com a força de um mandamento. Nesse mundo, obcecado pela lembrança, o esquecimento é visto com desconfiança ou como patologia grave. É expressão do envelhecimento e de um fracasso pessoal, que deve ser evitado a qualquer custo (RIBEIRO, 2013, p. 71)

Para o autor alemão Andreas Huyssen, (2000), o risco de esquecimento é permanente no século XX: “Quanto mais nos pedem para lembrar, no rastro da explosão da informação e da comercialização da memória, mais nos sentimos no perigo do esquecimento e mais forte é a necessidade de esquecer” (HUYSSSEN, 2000, p. 20). Isso ocorreria por uma característica do contemporâneo, que é a aceleração da vida, do consumo de imagens, do descarte de objetos. Nesse sentido, haveria um desejo de se criar âncoras em um mundo em constante mutação.

Essa perspectiva vai ao encontro dos postulados do professor Danilo Santos Melo (2008), que argumenta que a contemporaneidade é caracterizada por processos de esvanecimento da memória. No contemporâneo, o que é armazenado na memória logo perde valor e deve ser substituído.

Melo recorre a Gabriel Tarde, fundador da sociologia da diferença, que postulava que a memória não se organizaria a partir da unidade e identidade, mas por meio da repetição que,



para Tarde, seria concebida a partir de duas esferas: de um lado, a repetição-rotina, que garantiria um mínimo de ordem e sistematicidade ao mundo; de outro a repetição-variação, sem a qual a realidade seria sempre igual. Dessa forma, essas forças garantiriam a produção de uma rotina com uma parcela de novas combinações.

A aceleração característica do contemporâneo produz uma nova forma de relação entre essas repetições que dão base para a memória. Se antes havia um predomínio de imitações e repetições que garantiriam uma rotina, agora novos fluxos entram em cena. O que se destaca é a própria variação. Esse movimento afastaria as pessoas do passado e do futuro. De um lado, há a perda de contato com um passado conhecido e, por outro, o futuro é incerto.

A incerteza, aqui mencionada, ganha reflexos na poesia cabralina analisada no passeio por este museu. No ensaio “As incertezas do sim”, de Silviano Santiago (1982), há uma leitura de que Cabral inicia um processo de desdogmatização. Até então, uma das marcas do autor seria a sua despersonalização, fundamentada em critérios objetivos e neutros, que ocuparia o lugar de paixões e perspectivas subjetivas. Para Santiago, o livro *A Escola das Facas* (1980) representa uma ruptura nessa lógica. Cabral se desdogmatiza e se inicia a construção de uma personalização poética.

Esse movimento, no entanto, já é possível de ser apreendido a partir de *Museu de Tudo*, livro imediatamente anterior. São as incertezas do eu poético diante da constituição de uma subjetividade, no caso de “Num bar da Calle Sierpes, Sevilha”, do tempo e da memória, em “Anúncio para cosmético”, que dão pistas sobre a composição deste museu, mais do que a racionalidade. As incertezas estremecem a certeza cartesiana.

## REFERÊNCIAS

- CORREIA, Éverton Barbosa. História, memória e subjetividade em João Cabral. *Revista Signo* (UNISC. Online), v. 35, p. 117-134, 2010
- COSTA, Cristina Henrique. *Imaginando João Cabral imaginando*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Tradução por Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia*. Tradução por Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000



IVO, Lêdo. Os jardins enfurecidos. In: MELO NETO, João Cabral de. *Museu de Tudo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 9-20

MELO, Danilo Augusto Santos. Esquecimento e memória no contemporâneo: interlocuções entre Tarde e Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel (org). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7letras, 2008

MELO NETO, João Cabral de. *Museu de Tudo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

NUNES, Benedito. *Poetas modernos do Brasil: João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A memória e o mundo contemporâneo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN (orgs.) *Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo*. São Paulo: Anadarco, 2013, p. 65-84

SANTIAGO, Silviano. As Incertezas do Sim. In \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 41-45

SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: uma fala só lâmina*. São Paulo: Cosac Naify, 2014

SENN, Marta de. *João Cabral: tempo e memória*. São Paulo: Antares Universitária, 1980